

A estrela do falcão noturno

Miyazawa Kenji

Tradução: Tomoko Kimura Gaudioso¹

Revisão: Meiko Shimon

O falcão noturno era um pássaro realmente feio.

Seu rosto era manchado como se tivesse sido lambuzado de *missô*² e seu bico chato, rasgado até as orelhas.

As pernas eram tão fracas que mal conseguia caminhar dois metros em passos trôpegos.

Assim, outros pássaros chegavam a sentir náusea só de ver a cara do falcão noturno.

A cotovia também não é um pássaro bonito, por exemplo, mas se achava muito melhor do que o falcão noturno. Por isso, quando o encontrava ao entardecer, mostrava francamente sua antipatia, fechava os olhos enojada e virava a cara para o outro lado. Por sua vez, os pássaros menores e tagarelas faziam questão de falar mal do falcão noturno na cara dele.

— Hum! Apareceu de novo, né. Olhem só o jeito dele. Realmente, é uma desonra para nós, aves!

— Olhem o tamanho da boca! Deve ser parente de sapo ou algo parecido!

A conversa seguia assim. Ah! Se fosse um falcão de verdade, esses minúsculos pássaros só de ouvir o nome dele ficariam pálidos, trêmulos e se encolheriam, escondendo-se atrás das folhas. Porém, apesar de se chamar falcão noturno, não era irmão nem parente do falcão. Em vez disso, o falcão noturno era irmão mais velho do belo martim-pescador e do beija-flor, aquele que parece uma jóia entre os pássaros. O beija-flor alimentava-se do néctar das flores, o martim-pescador dos peixes, mas o falcão noturno comia insetos voadores. Além disso, o falcão noturno não possuía unhas afiadas nem bico agudo e, por isso, até os mais frágeis pássaros não tinham porque sentir medo dele.

¹ Professora Auxiliar do Setor de Japonês do Instituto de Letras – UFRGS.

² Missô: pasta de soja fermentada, basicamente para fazer caldo “misso-shiru”, muito popular na culinária japonesa. Tem uma cor marrom.

Pode parecer estranho, então, que esse pássaro tenha recebido o nome de falcão, mas isso se deve à força extraordinária de suas asas, pois quando ele voa cortando o vento se assemelhava ao falcão. Além disso, tinha um grito cortante que também lembrava de certa forma o do falcão. É claro que o falcão detestava esta comparação. Por isso, sempre que olhava a cara do falcão noturno, dizia-lhe, de modo petulante, que mudasse de nome o mais rápido possível.

Até que um dia, ao entardecer, o falcão bateu à porta da casa do falcão noturno.

— Ei, você está aí? Ainda não mudou de nome? Você é mesmo muito cara-de-pau. Eu e você pertencemos a classes muito diferentes. Eu, por exemplo, vôo pelo céu azul até o infinito. Você só aparece nos dias nublados ou à noite. E, além disso, olhe bem meu bico e minhas garras e compare com os seus!

— Senhor falcão, isso é demais, é impossível. Não fui eu quem escolheu meu nome. Deus foi quem me deu.

— Não mesmo. Se fosse meu nome poderia dizer que foi dado por Deus. Mas o seu foi emprestado de mim e da Noite. Devolva-o, já.

— Meu senhor, isso é impossível.

— Não é impossível, não! Vou lhe ensinar um nome adequado. Será Ichizô. Ichizô, ouviu? É um bom nome, não? Só que, para mudar de nome, deve fazer a apresentação dele. Viu? Isto quer dizer, você deve pendurar no pescoço uma placa com o nome “Ichizô” e visitar todos os outros pássaros, fazendo reverência e informando que a partir de agora você se chama Ichizô.

— Eu não posso fazer uma coisa dessas.

— Pode sim! Faça-o. Se não o fizer até o amanhecer de depois de amanhã, agarrarei você imediatamente e o esmagarei. Agarrarei e esmagarei você, ouviu? Depois de amanhã, bem cedo, passarei de casa em casa dos pássaros para saber se você os visitou. Se encontrar uma única casa que você não tenha ido, então, saiba que chegou a sua hora!

— Mas isso é totalmente impossível. Eu prefiro morrer em vez de fazer uma coisa dessas. Mata-me agora mesmo!

— Bem, reflita melhor depois. O nome Ichizô não é tão ruim assim.

O falcão abriu suas asas com toda envergadura e partiu em direção ao seu ninho.

O falcão noturno fechou os olhos e refletiu longamente.

“Por que será que os outros não gostam de mim? Talvez, porque meu rosto parece estar lambuzado de *missô* e tenho boca rasgada até as orelhas. Mesmo assim, até hoje, eu nunca fiz mal a ninguém. Quando encontrei o filhote de *mejiro* caído no chão eu o socorri e o levei até o ninho. Aí, os pais arrancaram o bebê de mim como se o arrebatesse das mãos de um ladrão. Depois, riram muito de mim. Agora, chamar-me de Ichizô e pendurar uma placa no pescoço, que coisa penosa!”

Já tinha escurecido. O falcão noturno levantou o vôo do seu ninho. As nuvens brilhavam maliciosamente e pendiam muito baixas. O falcão noturno quase alcançava as nuvens e, silenciosamente, dava voltas pelo céu.

Então, de repente, escancarou a boca e, estendendo as asas, atravessou o céu como uma flecha. Assim, muitos e muitos pequenos insetos voadores entraram pela sua garganta adentro.

Mal seu corpo tocou o solo, o falcão noturno voltou para o alto. As nuvens já tinham tomado uma cor cinzenta e a montanha lá adiante estava tingida de vermelhidão devido a um incêndio.

Quando o falcão noturno voava com toda vontade, parecia que o céu se partia ao meio. Um besouro entrou em sua goela e se debateu muito. Engoliu-o imediatamente, mas, no mesmo instante sem saber como, sentiu um calafrio nas costas.

As nuvens já estavam totalmente escuras e somente o lado leste refletia a vermelhidão do incêndio montanhês, criando uma imagem de terror.

Outro besouro entrou na garganta do falcão noturno. O besouro arranhou sua garganta, debatendo-se muito. O falcão noturno fez força e acabou por engoli-lo, mas nesse instante sentiu um baque no coração e começou a chorar em a voz alta. Chorando, deu voltas e voltas pelo céu.

“Oh! Besouros e muitos insetos voadores são mortos por mim todas as noites. E eu, que sou apenas um indivíduo, agora serei morto pelo falcão. E isso me dói tanto! Ah, que dor! Que dor! Eu deixarei de comer insetos e morrerei de fome. Não, antes disso, certamente o falcão me matará. Não, antes disso, irei para muito longe daqui, além daquele céu.”

O fogo da montanha incendiada havia se espalhado como se fossem correntes de água, e até as nuvens pareciam estar queimando.

O falcão noturno voou direto ao encontro de seu irmãozinho, o martim-pescador. O belo pássaro também estava acordado e olhava o incêndio da distante montanha. E vendo a chegada do falcão noturno, falou:

— Boa noite, mano! Aconteceu algo, de repente?

— Não. É que vou partir para muito longe. Por isso, quis ver-te antes de partir.

— Mano, não pode ir. O beija-flor também vive tão distante e, se você partir, ficarei sozinho.

— Pois é. Mas não tenho escolha. Não me diga nada, por hoje. E você também evite pegar os peixes a não ser que seja estritamente necessário. Bem, adeus.

— Mano, o que aconteceu com você? Espere um pouco, por favor!

— Não, nada vai mudar a minha decisão. Dê lembranças ao beija-flor por mim. Adeus. Não nos encontraremos mais. Adeus.

Chorando, o falcão noturno voltou para casa. A noite curta de verão já estava quase terminando.

As folhas de samambaia que respiravam as névoas da madrugada balançavam-se frias e esverdeadas. O falcão noturno soltou seu grito agudo: “kish, kish, kish, kish!” Depois, organizou seu ninho, limpou e arrumou as penas de todo o seu corpo, e levantou o vôo novamente.

As névoas se foram e o sol se levantou bem no leste. Suportando o ofuscamento nos olhos, que lhe provocava a tontura, o falcão noturno voou como flecha em sua direção.

— Senhor sol, senhor sol. Por favor, leve-me junto do senhor! Não me importo se morrer queimado. Mesmo que seja um corpo tão feio como o meu, quando queimar emitirá um pequeno raio. Por favor, leve-me junto!

Mas, por mais que ele voasse em sua direção o sol não se aproximava. Em vez disso, cada vez mais ia ficando menor e mais distante. Então o sol falou:

— Você é o falcão noturno. Pois, deve estar sofrendo muito. Voe esta noite e faça seu pedido às estrelas. Você não é pássaro do dia.

O falcão noturno pensou ter feito reverência ao sol, mas sentiu-se tonto de repente e foi caindo; acabou sobre a relva do campo. Sentia-se como se estivesse sonhando. Sentia que seu corpo continuava subindo entre as estrelas vermelhas e amarelas ou que estava sendo arrastado infinitamente pelo vento ou, ainda, que fosse agarrado e levado pelo falcão.

Repentinamente, algo frio caiu no seu rosto. O falcão noturno abriu os olhos. Era o orvalho que caía da folha de um pé de eulária jovem. Já havia escurecido totalmente e o céu se tornara em tom azul escuro coberto de estrelas cintilantes. O falcão noturno voou para o céu. O fogo da montanha em incêndio continuava em vermelhidão. Ele deu voltas no meio do tênue brilho do fogo e da fria luminosidade das estrelas. E mais uma vez

deu uma volta completa. E, decidido, voou diretamente em direção à bela constelação de Órion, ao oeste, e gritou:

— Ó, estrela! A pálida estrela do oeste! Por favor, leve-me junto de si. Não me importo se morrer queimado!

Órion continuou cantando garbosamente a sua canção e não deu atenção nenhuma ao falcão noturno. Quase a chorar, ele caiu cambaleante e depois parou com dificuldade, retomando o vôo uma vez mais. Depois, voou direto para a constelação Cão Maior, ao sul, e gritou:

— Ó estrela! A estrela azul do sul! Por favor, leve-me junto de si. Não me importo se morrer queimado!

Cão Maior disse, piscando linda e agitadamente em azul, lilás e amarela:

— Não diz bobagens! Quem pensa que tu és? És apenas um pássaro. Para chegares até aqui com tuas asas levarás bilhões, trilhões, muitos ‘lhões’ de anos. E virou-se para o outro lado.

Decepcionado, o falcão noturno caiu cambaleante e depois tornou a voar, dando duas voltas. Depois, criou coragem e voou diretamente na direção da Ursa Maior, ao norte, e gritou:

— Ó estrela azul do norte, por favor, leve-me junto de si!

Ursa Maior respondeu serenamente:

— Não debes pensar no que é desnecessário. Vai esfriar um pouco a cabeça. Quando acontece isso o melhor remédio é mergulhar no mar com icebergs flutuando ou, se não tiveres mar por perto, é ótimo mergulhar num copo de água com gelo.

Decepcionado, o falcão noturno caiu cambaleante e depois, novamente, deu quatro voltas pelo céu. E mais uma vez gritou para a estrela da Águia, que acabava de subir no céu do leste, na outra margem da Via-Láctea:

— Ó estrela branca do leste, por favor, leve-me junto de si! Não me importo se morrer queimado!

Águia falou com um ar arrogante:

— Não, de jeito nenhum, nem dá para conversar. Para se tornar estrela é necessário ter certa posição social. Vai precisar de muito dinheiro também.

O falcão noturno sentiu-se completamente desanimado e fechou as asas, foi caindo em direção à terra. E quando faltava uns trinta centímetros e suas patas fracas iam tocar no solo, repentinamente, saltou para o céu como sinal de fumaça. Chegando a meia altura do céu, sacudiu seu corpo e empinou as penas como faz uma águia ao atacar um urso.

Depois, gritou “kish, kish, kish, kish, kish” com uma voz altíssima. Era idêntica à voz de falcão. Todos os pássaros que dormiam nos campos e bosques acordaram e, tremendo de medo, olharam desconfiados para o céu estrelado.

O falcão noturno levantou o vôo e foi subindo sempre e sempre em direção ao céu. Aquele fogo que queimava a montanha, agora, parecia apenas o fogo da ponta de cigarro. Ele foi subindo e subindo.

Com o frio, o ar que respirava congelou, branco, no seu peito. Devido ao ar que se tornava rarefeito, tinha que agitar as asas freneticamente.

Mesmo assim o tamanho das estrelas não crescia nem um pouco. A respiração era tão forte que produzia som como de um assoprador de fornalha. O frio e a geada traspassavam o falcão noturno como se fossem espadas. As asas ficaram completamente dormentes. Então, ele levantou o olhar mais uma vez com seus olhos rasos em lágrimas. Isso mesmo. Este foi o fim do falcão noturno. Ele já não sabia se estava caindo, subindo, se estava de cabeça para baixo ou para cima. Sua alma estava serena. O grande bico sangrava e estava um pouco torto, mas sem dúvida estava sorridente.

Depois de certo tempo, o falcão noturno abriu bem os olhos. Viu, então, seu corpo queimando silenciosamente, transformado em uma bela luz azular como a de chamas fosforescentes.

Logo ao lado, estava a Cassiopéia. A pálida luz da Via-Láctea estava logo atrás.

Assim, a estrela do Falcão Noturno continuava a queimar-se. Continuou a queimar sempre e sempre.

Até hoje, continua queimando.

(Yodaka no hoshi: 1921?)³

³ Como acontecem com muitas obras de Miyazawa Kenji, a data precisa da publicação de *Yodaka no hoshi* é desconhecida. Os biógrafos indicam 1921 como o provável ano de sua criação.